

PLURALIDADE CULTURAL E A ESCOLA: ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

CULTURAL PLURALITY AND THE SCHOOL: SPACES OF EXPERIENCES IN
TEACHER EDUCATION

Juliana de Assis Lima¹
Maria Luciana Brandão²

RESUMO: A diversidade cultural presente na sociedade tem sido um dos temas mais discutidos, vivenciados e referenciados em diversos espaços sociais. Presencia-se, a todo momento, situações de intolerância relacionadas às questões associadas à identidade de gênero, etnia e religião. Baseado nessas considerações, o presente artigo tem por objetivo investigar por meio de pesquisa bibliográfica, revisão documentação e pesquisa de campo, as práticas educativas adotadas pelos/as docentes de uma escola pública de Minas Gerais em relação à pluralidade cultural no espaço escolar. Para tanto, foram realizados o estudo e a análise das fontes documentais, como também a aplicação de questionário aos professores e pedagoga da escola investigada, entre 01/05/2017 e 20/08/2017. A pesquisa se apoiou nas produções de Pereira (2000), Canen e Xavier (2005), Candau e Moreira (2008;2011) e Neto (2013). O resultado do estudo permitiu perceber que a pluralidade é trabalhada de forma fragmentada e infere-se que os professores/as reconhecem que não se encontram-se preparados para lidar com a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Pluralidade cultural; Práticas educativas; Ambiente escolar.

ABSTRACT: Cultural diversity present in society has been one of the most discussed, experienced and referenced themes in different social spaces. There is, at all times, situations of intolerance related to issues associated with gender identity, ethnicity and religion. Based on these considerations, the present article aims to investigate, through bibliographic research, documentation review and field research, the educational practices adopted by the teachers of a public school in Minas Gerais in relation to cultural plurality in the school space. , the study and analysis of the documentary sources were carried out, as well as the application of a questionnaire to the teachers and pedagogue of the investigated school, between 05/01/2017 and 08/20/2017. The research was based on the productions of Pereira (2000), Canen and Xavier (2005), Candau and Moreira (2008; 2011) and Neto (2013). The result of the study allowed us to realize that plurality is worked in a fragmented and inferred way. It is known that the teachers recognize that they are not prepared to deal with the theme.

KEYWORDS: Cultural plurality; Educational practices; School environment.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Leste de Minas, especialização em Supervisão da Educação Básica, pela Faculdade Unyleya- Brasília. julianaassis2015@outlook.com

² Graduada em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas FAFICH - UFMG. Possui três especializações Lato Sensu em História do Brasil (PUC- MG), Avaliação (UNB - Cátedra Unesco) e UNIAFRO Universidade Federal de Ouro Preto. É mestre e doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE - UFMG). m.lucianabs@uol.com.br

Introdução

A pluralidade cultural está presente na sociedade brasileira, sendo marcada por diferenças de gênero, etnia/raça, identidade e cultura. Ao longo da história, percebe-se que o preconceito se manifesta contra todo tipo de minorias sociais como os analfabetos, mulheres, homossexuais, quilombolas/negros e indígenas, gerando assim uma sociedade injustiçada.

Embora as reações de desagravo e de indignação sejam logo manifestadas, essa realidade demonstra que a sociedade brasileira muito ainda tem a trilhar para que a conscientização quanto ao respeito às diferenças seja incorporada, pelo menos, para uma boa parte da população. Entretanto, é preciso reconhecer que embora identificadas por grande parcela da sociedade como práticas nocivas e que devem ser eliminadas, são complexas as questões que envolvem a discussão sobre a diversidade e a pluralidade cultural no Brasil.

Tais questões envolvem séculos de valores retrógrados, elitistas, e preconceituosos, impregnados em nossa cultura por várias gerações. São eles os responsáveis pela naturalização e justificativas de atitudes discriminatórias que hierarquizam as diferenças, transformando-as em vergonhosas situações de desigualdades sociais e desrespeito humano. Sem dúvida, a educação é uma das alternativas mais eficientes a ser buscada, uma vez que essa está presente na família desde o nascimento da criança, se estendendo por vários anos de sua vida através da escola.

Nesse sentido, a educação escolar exerce também um significativo papel não apenas por ser um importante veículo de reprodução de situações injustas, mas ainda, porque tem o grande potencial de desconstruir preconceitos e injustiças de toda sorte, contribuindo assim para que mudanças concretas possam ocorrer a médio e longo prazo na sociedade.

Sob esse aspecto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam, no volume 10, o tema pluralidade cultural e também o Currículo Básico Comum³(CBC) de Minas Gerais, ambos discutindo a diversidade cultural. Tais

³ Proposta curricular do estado de Minas Gerais para as escolas de Educação Básica que orienta as habilidades e competências do Ensino Fundamental (1996).

documentos têm por objetivo auxiliar os/as professores/as na formação de sujeitos que valorizem o respeito mútuo e tenham a compreensão da importância da diversidade em sua realidade (BRASIL, 2017).

A escolha do tema partiu do interesse de melhor compreendê-lo durante o período da graduação no curso de Pedagogia, em especial, após a disciplina optativa sobre gênero. A participação no Programa de Iniciação Científica na instituição contribuiu para tornar possível aprofundar o tema, por meio do desenvolvimento desta pesquisa em uma escola pública.

A pesquisa teve por objetivo analisar as práticas pedagógicas/educativas de professores/as no ambiente escolar em relação às variadas manifestações de diversidade nas questões relativas ao gênero, etnia/raça e religião, manifestados na escola. Buscou-se compreender as relações entre pluralidade cultural e a escola, pois sabe-se que nas escolas ocorrem manifestações de preconceito, discriminação social e racial por parte de alguns professores/as, alunos/as, funcionários, mesmo que de maneira involuntária ou inconsciente.

A pesquisa desenvolveu-se numa escola pública estadual de Coronel Fabriciano, Minas Gerais. Adotou-se como metodologia a abordagem qualitativa permeada pelo estudo bibliográfico sobre o tema e análise documental. A fase empírica se deu por meio de aplicação de um questionário aos/as professores/as e à pedagoga, entre 01/05/2017 e 28/08/2017.

Embora existam muitos estudos sobre o tema, observa-se que um longo caminho ainda deve ser trilhado, subentendendo que há questões não solvidas na sociedade, no sistema de ensino, na formação de professores/as, na concepção construída socialmente em relação ao “diferente”, dentre outros fatores que limitam a discussão aqui proposta. O artigo busca colaborar para a compreensão dos desafios que ocorrem cotidianamente na escola de Educação Básica, evidenciados pela negação dos direitos humanos, pela injúria racial, xenofobismo, homofobia, entre outras agressões contra as minorias.

É necessário discutir a pluralidade cultural no ambiente escolar, pois as crianças e os jovens convivem com o plano cotidiano. Dessa forma, poderão aprender a respeitar as situações rotineiras de preconceito, racismo e intolerância que costumam aflorar no espaço educativo. Portanto, há a necessidade da escola

organizar-se para debater e atender à diversidade, sem que ela seja ignorada por omissão dos/as professores/as e dos/as gestores/as.

O presente artigo foi organizado com um estudo dos documentos nacionais e estaduais que abordam a diversidade, seguido por uma análise da formação dos professores em relação a essa temática. Primeiramente foi realizada uma análise de como ocorre esse debate no ambiente escolar, de acordo com a análise documental. Após essa etapa, fez-se a visita na escola para tentar descobrir sob qual perspectiva os professores trabalham esse tema, por meio da aplicação de um questionário. Após a aplicação, os resultados dos questionários foram tabulados e apresentados no texto por meio de gráficos com as questões mais pertinentes que foram apresentadas aos/às participantes.

Pluralidade cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e no Currículo Básico de Minas Gerais (CBC)

Como já mencionado, os documentos PCNs e o CBC do Estado de Minas Gerais apresentam as possibilidades de discussão do tema pluralidade cultural nas escolas, considerando-as como um espaço de formação humana, por excelência. Estes documentos apresentam, também, algumas sugestões metodológicas aos professores/as. Entretanto, facultam ao professor/a a liberdade de propor outras metodologias que atendam às especificidades do seus alunos/as. Esses documentos destacam a importância do aluno/a compreender seus direitos e deveres sociais como estratégia para articular o que é trabalhado nas escolas com sua vida cotidiana, em seus espaços de convivência social, para além da escola.

Apesar das mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas, predomina ainda entre muitos profissionais da educação uma visão de educação homogênea, que não corresponde à realidade, pois temos uma população formada por diversos grupos sociais, etnias e culturas. Baseados na diversidade da sociedade brasileira, esses documentos oficiais visam superar as manifestações de discriminação e exclusão presentes no ambiente escolar, pois muitas escolas, ao longo do tempo, silenciaram-se diante de atitudes preconceituosas contra a diversidade.

Nos documentos oficiais a pluralidade cultural é sugerida como temática a ser trabalhada nas disciplinas de Arte, Português, Geografia e História. Torna-se

necessário que os PCNs e o CBC sejam utilizados como instrumentos norteadores da ação pedagógica para que os/as docentes possam se apropriar de seus conteúdos de modo a proporcionar debates e atividades que permitam reconhecer o outro como sujeito de direito e, simultaneamente, reconhecer o “eu” no outro.

Formação dos/as professores/as X Pluralidade Cultural

Discutir pluralidade cultural no processo educativo é priorizar a valorização das especificidades culturais. Segundo Neto (2013), o termo pluralidade cultural foi utilizado nos Estados Unidos e chegou ao Brasil com indagações e discussões de como trabalhá-lo nas escolas. Desde 2003, o tema tornou-se mais visível devido à promulgação da Lei nº10.639/03⁴, que obriga o ensino de História e Cultura Afro-brasileira no Ensino Fundamental e Médio dos estabelecimentos de ensino oficiais e particulares.

O autor afirma, também, que no contexto brasileiro, do Brasil-Colônia aos dias atuais, permanece uma gestão autoritária, seletiva e exclusiva no meio escolar. Por isso, a formação continuada deve ajudar os professores a desenvolverem uma nova identidade e postura, com novos saberes, objetivos, conteúdos, estratégias e formas alternativas de avaliação (NETO, 2013).

Neto (2013) defende que o professor necessita repensar sua atuação, sendo capaz de refletir e reformular o currículo e suas práticas, de entender a realidade social, política e cultural dos alunos e se identificar com ela. No âmbito escolar, onde a diversidade está presente naqueles que a constituem, essa presença tem sido ignorada, silenciada ou minimizada. São múltiplas as origens da omissão com relação à pluralidade cultural.

Baseado nos empecilhos para discutir a pluralidade percebidos durante a revisão bibliográfica e, de acordo com Candau (2008; 2011) e Canen e Xavier (2005) constata-se que um dos motivos da pluralidade cultural não ser discutida em sala de aula recai sobre os professores, que demonstram uma prática ainda viciada no tradicionalismo pedagógico, que caracteriza o professor como transmissor do conhecimento e os alunos assumindo o papel de receptores de informação. As

⁴A Lei 10.639/2003 institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica no Brasil.

autoras afirmam, também, que as raízes da pluralidade cultural estão ligadas às matrizes étnicas que caracterizaram a formação da população brasileira, bem como a grande desigualdade social decorrente do processo de formação da população brasileira e o processo de colonização do país, do período colonial, passando pelo império e chegando à república. Para as autoras, ao longo do tempo, o negro foi submisso ao branco e essas concepções estão impregnadas na população brasileira.

Baseado nessas considerações, aplicou-se um questionário aos/às professores/as para saber suas visões em relação à diversidade na escola básica. De acordo com respostas dos/as docentes, percebe-se que há uma resistência em discutir o tema, podendo-se inferir que estes/as não possuem formação teórico-conceitual adequada que os possibilite conduzir discussões mais controversas e aprofundadas a respeito da diversidade étnico-cultural, religiosa e de gênero.

Canen (2005) e Candau (2008) defendem que a pluralidade cultural apresenta-se em desvantagem em relação aos outros conteúdos ministrados no espaço escolar, pois percebe-se que os próprios docentes carregam consigo preconceitos acerca do diferente, optando pela omissão da discussão dos diferentes temas que constituem suas disciplinas. Ainda conforme Canen (2005), o preconceito contra o diferente é cada vez mais exacerbado, violento e agressivo. Por isso, a autora adverte que preparar professores para a pluralidade cultural é uma necessidade premente, da qual nenhum de nós deve se esquivar.

A pluralidade e o debate no ambiente escolar

Sabemos que a diversidade cultural está presente na sociedade desde a formação do Brasil e foi marcada, desde o início, pelo preconceito, discriminação, exclusão e injúria racial contra os grupos minoritários, entendidos como uma comunidade cuja cultura não é valorizada pela sociedade, nem pelo currículo escolar.

Em relação à diversidade cultural, faz-se necessária uma escola que trabalhe seus conteúdos de forma contextualizada de modo que seus/suas alunos/as se sintam contemplados/as nesse espaço de formação. O currículo escolar e os materiais didáticos têm apresentado meios que reforçam a diversidade cultural. Um

currículo que prioriza princípios da cultura europeia impede que, de fato, haja igualdade de oportunidades para todos, pois valoriza apenas essa cultura até mesmo em espaços ocupados pela maioria da população afrodescendente, evidenciando a negação de sua história e cultura. Por sua vez, os livros didáticos apresentam uma visão deturpada em relação aos afrodescendentes e sobre a África, destacando a cultura europeia em detrimento das demais culturas.

Segundo Araújo, Moreira e Morais (2012), a educação precisa ser revista e repensada de modo que inclua todos, de fato, no processo de construção de sua identidade e cidadania, colaborando para amenizar preconceitos, racismo e injúria racial, ainda persistente nos dias atuais. Para essa questão, que precisa ser discutida e trabalhada por todos os sujeitos envolvidos no processo pedagógico, a pesquisa contou com a análise do projeto político-pedagógico (PPP) da instituição e o planejamento anual dos/as professores/as da área de Ciências Humanas.

Relação análise documental e visita na escola

Como apresentado inicialmente, a pesquisa empírica se constituiu de análise documental e aplicação de um questionário aos/às professores/as na escola pesquisada. A primeira fase se pautou na análise do projeto político-pedagógico da instituição, do planejamento anual dos/as professores/as da área de Ciências Humanas e dos projetos pedagógicos elaborados pela equipe da escola.

Por meio da aplicação do questionário, buscou-se identificar a relação teoria-prática percebida pelos/as professores/as. A escola atende alunos/as de diversos bairros do município de Coronel Fabriciano, zona rural e cidades vizinhas. A maioria dos/as alunos/as é oriunda da periferia da cidade e, segundo a pedagoga, a instituição apresenta dificuldades de aproximação com as famílias. O estabelecimento de ensino possui 21 turmas, atendendo o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos.

Verificou-se, por meio de análise do projeto político-pedagógico, que muitos alunos apresentam dificuldades na leitura, escrita e interpretação. Dificuldades relacionadas ao domínio do raciocínio lógico-matemático e do cálculo também foram observadas, afetando as demais áreas do conhecimento, que são trabalhadas por meio de projetos de leitura e escrita específicos que visam sanar essas defasagens.

Segundo o projeto político-pedagógico da escola, em 2005 a escola passou a fazer parte do Projeto Referência da Secretária do Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG); em 2007, implantou o projeto “Tempo Integral” e, em 2008, implantou a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O corpo docente provém do município de Coronel Fabriciano, Timóteo e Ipatinga, cidades localizadas na região do Vale do Aço de Minas Gerais. Mais de 90% dos/as professores/as possuem graduação em instituições particulares de ensino superior e 68% deles/as possuem pelo menos uma especialização.

A equipe pedagógica é composta por duas pedagogas que atendem estudantes do turno matutino e vespertino e uma delas dedica-se especificamente ao Projeto Elevação da Escolaridade. A análise dos documentos permitiu inferir que o planejamento das aulas tem por referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Currículo Básico Comum (CBC) do Estado de Minas Gerais, os temas transversais e o resultado das avaliações diagnósticas. A análise documental permitiu perceber que um dos maiores desafios da instituição é a evasão escolar no turno noturno.

O PPP defende a busca da formação de alunos pensantes, críticos, solidários, tolerantes, conscientes para o exercício da cidadania e preparados para os futuros desafios da civilização. Tais destaques são reforçados por Canen (2005) que assim apontam:

Nesta perspectiva, a escola deve ser reconhecida como um importante *locus* cultural, onde a multiplicidade e a diferença são a sua tônica enriquecedora. Neste espaço devem ser desvelados e denunciados processos excludentes, promovido o rompimento de olhares hierarquizados sobre as diferenças, realizadas reflexões sobre a relação entre cultura e poder, desenvolvidas ideias em torno de uma cidadania crítica, respeito à diversidade (CANEN, 2005, p.339).

Aparentemente, a instituição demonstra, em seus documentos, realizar uma educação democrática, pois apresenta nos planejamentos anuais das disciplinas de Artes, Português, História e Geografia, questões sobre a pluralidade cultural, visando respeitar as diferenças.

Os documentos revelaram, ainda, que o tema pluralidade é discutido superficialmente, uma vez que não há menção direta a ele e que, na disciplina de Artes, ele é trabalhado apenas por meio de datas comemorativas folclóricas. Já em

História, constata-se um pouco mais de profundidade, pois há referência ao povo africano, mas não ressalta as origens históricas da desigualdade social relacionadas aos afrodescendentes. Na disciplina de Geografia verifica-se, por exemplo, o objetivo de proporcionar o reconhecimento dos territórios e suas territorialidades, mas não se discute como as regiões apresentam diversos índices de desigualdade, procurando refletir que as regiões consideradas mais pobres são, em sua maioria, de habitantes afrodescendentes, ou mesmo que os alunos que frequentam a escola pública são, em grande parte, pobres ou negros, oriundos de periferias. Reconhecer o espaço e não compreender o processo de desigualdade não permite que esses alunos se sintam parte da realidade em que se inserem. No planejamento de Português foram encontradas informações genéricas, que não apresentaram de forma clara o tema. Como já mencionado, a escola conta com projetos pedagógicos que discutem o tema pluralidade, mas em datas específicas, não sendo uma atividade do cotidiano pedagógico da escola.

Compreende-se, assim, que as abordagens que ocorrem em relação ao tema são discutidas por meio de projetos pedagógicos coordenados, de modo geral, pela escola, embora com a participação dos professores. Entretanto, os/as docentes não são autores de projetos que envolvam o tema em questão. Aparentemente, os/as professores/as aplicam esses projetos para cumprir o que é proposto pela escola, mas não por iniciativa ou interesse próprio, pois não participam da sua elaboração. A partir desse pressuposto, infere-se, também, que os alunos também participam involuntariamente.

Para que ocorra um processo pedagógico em que o aluno se torne o protagonista de sua aprendizagem, é necessária mudança de posicionamento por parte dos/as professores/as da instituição, da equipe gestora, dos demais servidores e de todos os envolvidos com a escola. Garantir a articulação entre os temas transversais e a realidade dos alunos, proporcionar a interdisciplinaridade entre os componentes curriculares, e analisar as propostas de trabalho dos documentos nacionais e estaduais, deveria ser uma preocupação da escola, como um todo plural e orgânico. Nesse sentido, conforme salienta Canen (2005):

Atualmente reconhece-se que o multiculturalismo tem trazido à necessidade de compreender a sociedade como constituída de identidades plurais, com base na diversidade de gênero, raças, classe social, padrões culturais e linguísticos e outros marcadores identitários (CANEN, 2005, p. 333).

Conclui-se, por meio da análise documental que a escola investigada utiliza referências e parâmetros estabelecidos nos documentos estaduais e nacional na elaboração de seus projetos pedagógicos. Entretanto, é preciso verificar se, de fato, há um aprofundamento do tema por meio de práticas interdisciplinares, pois percebe-se conforme a análise documental, que a pluralidade é discutida nos projetos pedagógicos, mas não nas disciplinas, embora na proposta curricular do estado de Minas Gerais, existam diversas propostas de trabalho pedagógico com o tema, por componente curricular.

Pluralidade Cultural na ótica dos professores/as

A pluralidade cultural é um tema que ao longo da história ficou invisível aos olhos da sociedade e, em especial, da escola, que não a incluía nas discussões pedagógicas. Com a ampliação de movimentos de afirmação social como o movimento negro, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT) e indígena, a diversidade ganha visibilidade com a implantação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o estudo da cultura afro-brasileira e indígena, apresentado como temas transversais no currículo pleno.

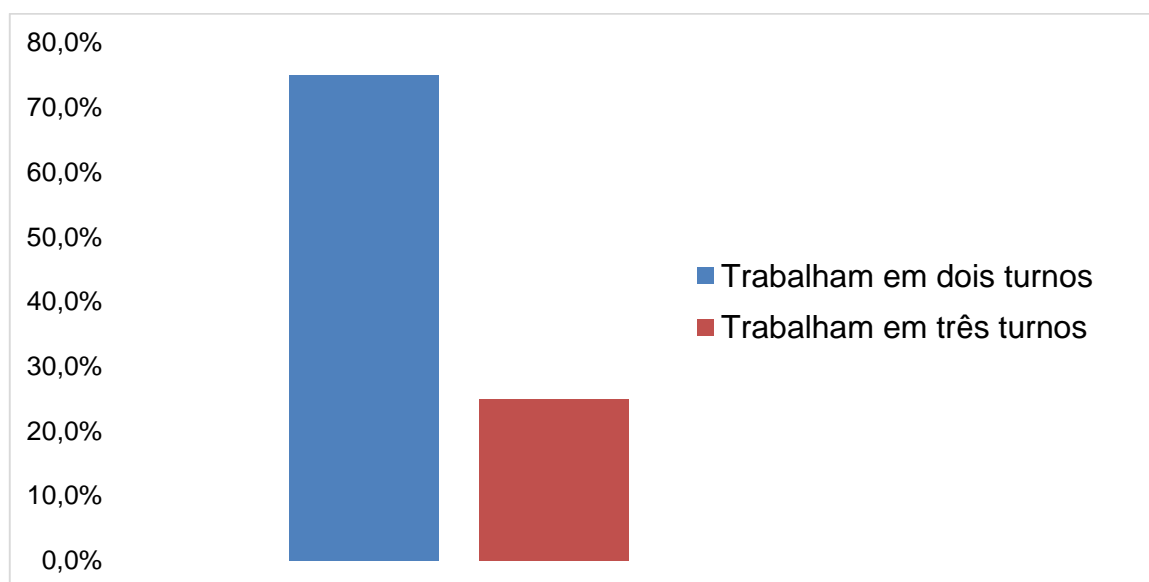
Em busca de melhor compreensão como a diversidade é percebida na escola, a pesquisa buscou conhecer a visão dos/as professores/as sobre a pluralidade cultural. Para tanto, foi aplicado um questionário com 23 questões, sendo 22 questões de múltipla escolha e 1 questão aberta. Entre os/as 30 professores/as que atuam na escola foram selecionados 13 que trabalham na área das Ciências Humanas. Dos/as 13 docentes selecionados/as, 12 responderam ao questionário.

Entre os respondentes 66,7% são do sexo feminino e 33,3% do sexo masculino. Do total, 58,3% têm idade entre 30 e 40 anos e 41,7% entre 41 a 50 anos. Em conjunto, os participantes da pesquisa são pessoas adultas, não havendo respondentes jovens nem idosos.

Quanto à experiência profissional, 50% dos participantes apresentaram ter 4 a 10 anos de profissão, enquanto os outros 50%, possuem 11 a 25 anos. Embora predomine a idade madura dos participantes da pesquisa, a experiência profissional apresenta-se de forma equilibrada, com metade dos professores/as com mais

experiência profissional e a outra metade, com menor tempo. Ainda sobre o exercício profissional, 66,7% disseram atuar em mais de uma escola pública e 33,3% apenas na escola pesquisada. Entretanto, entre esses/as professores/as 75% atuavam em dois turnos e 25% deles em três turnos. Percebe-se que a totalidade apresenta jornada de trabalho dupla ou tripla. As observações apresentadas permitiram construir os gráficos que seguem.

Gráfico 1 – Jornada de trabalho dos/as professores/as



Fonte: Do/a autor/a (2017).

O Gráfico 1 indica a longa jornada de trabalho, dupla ou tripla, a que se submetem os/as professores/as investigados/as. Sobre o trabalho excessivo, Pereira (2000) comenta a diluição da profissão docente. Para ele, fica claro o cansaço físico e psicológico ocasionado pelas longas jornadas de trabalho, o que provoca, na maior parte das vezes, que os/as professores/as atuem de forma mais tradicional, pois não têm muito tempo disponível para preparar seu trabalho e propor algo novo aos/às aluno/as.

A repetição da ampliação da carga horária do/a professor/a evidencia um processo de proletarização docente que, gradativamente, perde sua autonomia em

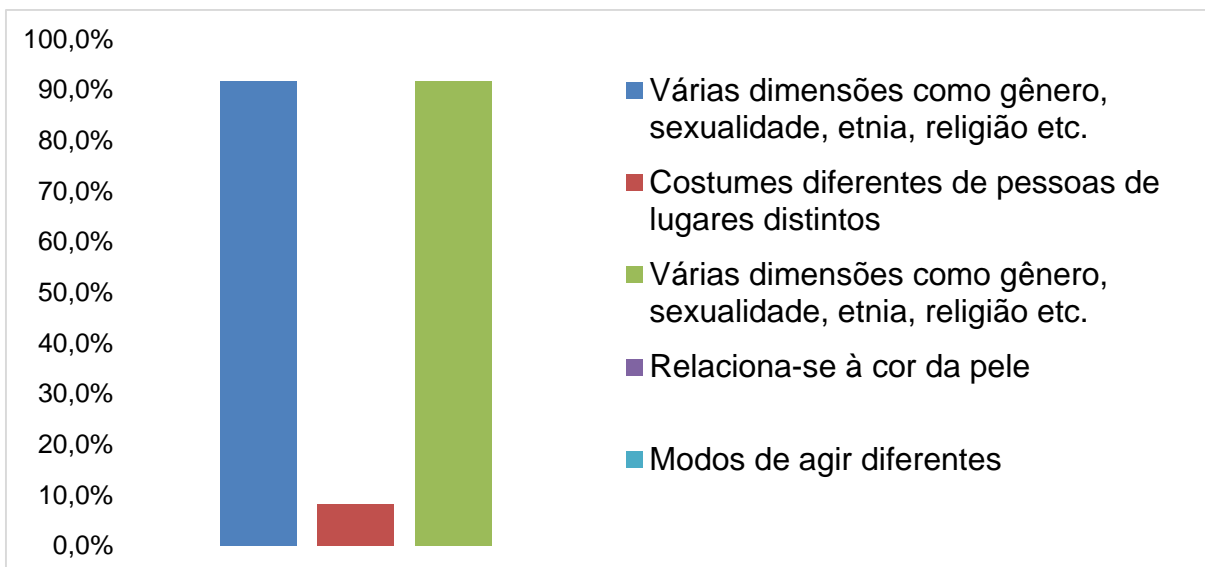
decorrência da ausência de reflexão sobre seu saber, com pouco controle sobre o seu trabalho, passando a ser visto em uma posição cada vez mais subalterna no exercício da docência (PEREIRA, 2000).

Enquanto tema transversal presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), 100% dos/as professores/as afirmaram conhecê-la no documento e, entre eles, 91,7% afirmaram compreendê-la como tudo aquilo que engloba várias dimensões da diversidade como gênero, sexualidade, etnia e religião por exemplo. Para os demais, ou seja, 8,3%, a pluralidade é vista apenas como sinônimo de costumes diferentes, de pessoas e lugares diferentes. Com esse resultado, percebe-se, que a quase totalidade dos docentes têm um entendimento mais amplo sobre o significado do tema em investigação.

Questionados/as sobre a relação da escola com o tema, 66,7% dos/as professores/as afirmaram que a escola proporciona, às vezes, momentos e ações de respeito à pluralidade cultural; 25% consideram que a escola viabiliza vários momentos de atividades envolvendo a pluralidade cultural; e 8,3% disseram existir momentos com tais ações, mas os professores não dão continuidade ao que é iniciado nos projetos pedagógicos.

Observa-se uma contradição entre as respostas dos professores em relação como a escola concebe, apreende e exercita o tema e o que é apresentado no PPP. De acordo com a maioria, o tema não é discutido na escola com frequência. Infere-se que a temática é discutida de forma a cumprir parcialmente o que está prescrito no currículo, mas não objetiva propor momentos de reflexões diante de situações rotineiras que a sociedade e a escola vivenciam diante das diferenças.

Gráfico 2 – Percepção dos/as professores/as sobre pluralidade cultural



Fonte: Do/a autor/a (2017)

Quanto ao trabalho com a pluralidade cultural pelos/as professores/as, o resultado encontrado indica que, 83,3% deles/as consideraram relevante que todos discutam a temática, enquanto 8,3% responderam que a pluralidade cultural deve ser trabalhada em disciplinas específicas, e 8,3% apontaram ser necessário à escola promover mais eventos relacionados ao assunto.

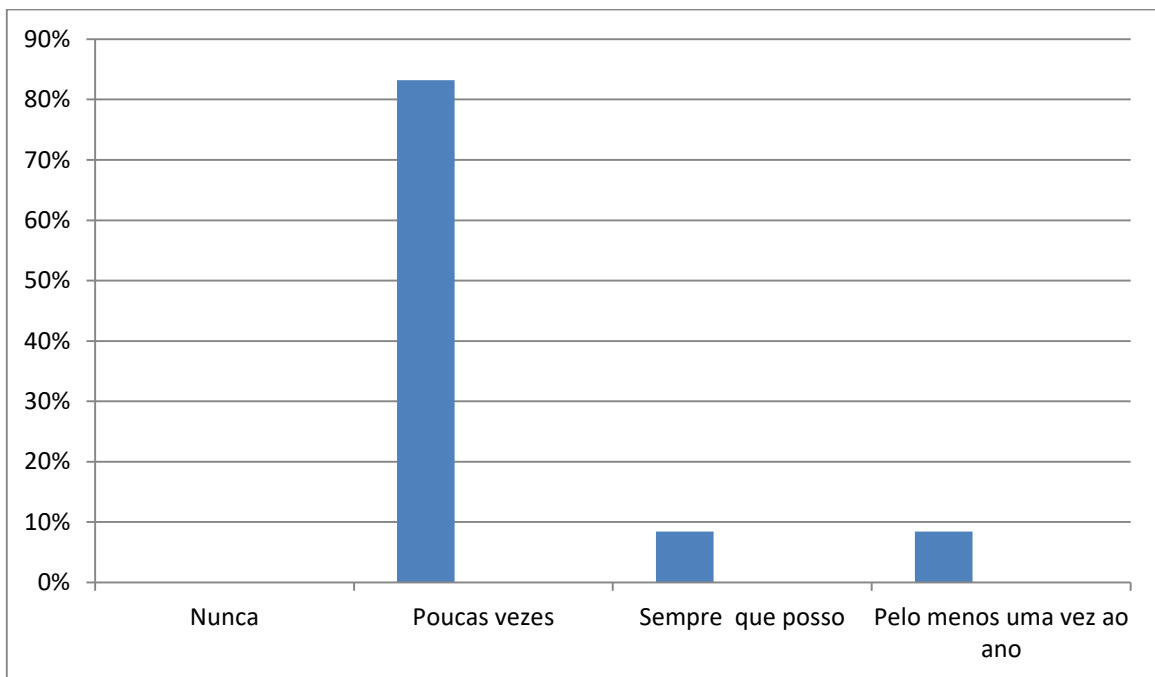
De acordo com as respostas dos questionários, os/as professores/as demonstraram não ter formação teórico-conceitual para lidar com as diferenças, pois 83,3% deles disseram ter participado poucas vezes de cursos de formação ou discussão sobre o tema, enquanto 8,4% disseram que, sempre que podiam, participavam, e outros 8,4% afirmaram ter discutido o tema pelo menos uma vez ao ano.

Sobre a diversidade, os/as professores/as afirmaram existir em suas turmas, alunos/as com algum tipo de diferença étnica, religiosa e cultural. Para 58,4% deles/as, a pluralidade cultural é vista na escola com estranheza; 33,3% consideraram o tema como um fator de enriquecimento curricular; e 8,3% disseram que a pluralidade cultural é algo comum na escola. Constata-se, mais uma vez, que não há uma discussão, de fato, sobre a pluralidade cultural na instituição pesquisada, pois os/as próprios/as professores/as apresentaram relativa estranheza sobre o tema. Acerca dessa percepção, Canen (2005) afirma:

Nesse aspecto, observamos que, diante de um cenário no qual o preconceito contra o diferente é cada vez mais exacerbado, violento e agressivo, preparar professores para a diversidade cultural é, mais do que

nunca, uma necessidade premente da qual nenhum de nós deve esquivar-se(CANEN,2005, p. 49)

Gráfico 3 – Você já participou de algum momento de formação ou discussão da temática?



Fonte: Do/a autor/a (2017)

Assim, é possível constatar que os/as professores/as pouco discutem a pluralidade cultural na escola, não participam ou não têm oferta de formação continuada de forma permanente. Embora não tenham detalhado as diversas dimensões teóricas desse tema, mostram-se pouco preparados/as, principalmente quando afirmaram não realiza formação continuada.

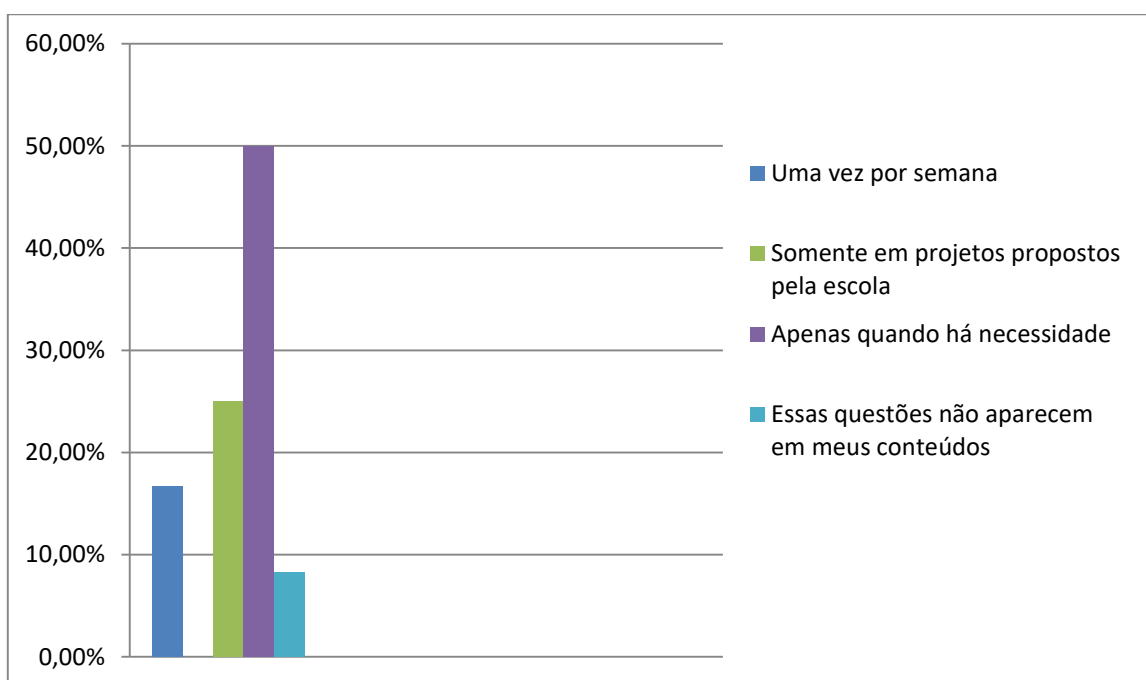
Em relação às respostas abertas, apenas dois entre doze 16% participante registram seu relato, como uma professora de Sociologia escreveu

Como professora de Sociologia estes temas abordados no questionário, (pluralidade cultural) faz parte dos assuntos e debate em sala de aula juntamente com os alunos, e sempre que surge oportunidade também são discutidos tais temas com professores e funcionários, pois esses temas também poderão ser abordados em todas as disciplinas(interdisciplinar).Mas, tem professores não preparados para debater tais assuntos é preciso o preparo por meio de mini-cursos pra melhor interação e capacitação para que esteja mais preparados para debater com facilidade o tema(Depoimento obtido com o questionário, 2017).

Mesmo que não tenham detalhado o assunto, a maior parte deles/as (83,3%) declararam colaborar para a inclusão dos/as alunos/as que se sentem diferentes. Afirmaram ainda reagir contra o *bullying* e em situações nas quais o respeito à diversidade não é cumprido. Entretanto, 16,7% demonstraram um distanciamento em relação a diversidade sobre seus próprios alunos.

Observa-se uma dificuldade por parte dos/as professores/as em trabalhar o assunto um vez que 33,3% deles disseram que a pluralidade cultural e a diversidade não aparecem em seus conteúdos curriculares. O mesmo percentual, 33,3%, reconhecem a temática por meio da etnia; 25% afirmaram trabalhar a sexualidade; 16,7% discutem religião em suas aulas; e 8,3%, abordam questões relativas ao gênero. Diante desses apontamentos, percebe-se que o tema pesquisado é trabalhado de forma fragmentada e que a questão de gênero é quase invisível nas discussões em sala de aula.

Gráfico 4 – Com qual frequência você aborda os conteúdos da questão anterior?



Fonte: Do/a autor/a (2017)

Na atualidade, a pluralidade cultural é um assunto polêmico. Necessita de formação acadêmica e formação continuada dos/as professores/as para que essa temática seja abordada de maneira natural e pedagógica na escola, para que os/as

docentes não a discutam de forma equivocada com seus/suas estudantes. Todavia, para a metade dos/as professores/as participantes do estudo, a pluralidade deve ser abordada somente quando houver necessidade. Para 25% deles/as, o tema deve ser abordado e discutido somente em projetos desenvolvidos pela escola. Por fim, 25% dos/as professores/as alegaram trabalhar a pluralidade uma vez por semana, nas disciplinas de Filosofia, Sociologia e Artes.

De forma talvez contraditória, os/as professores/as demonstraram compreender ser necessário buscar formação continuada para trabalhar o tema, pois 75% deles/as reconheceram ser importante a busca de ações conjuntas para formação sobre a pluralidade cultural que auxiliem abordar e discutir esse assunto em prática pedagógica. Entre os/as entrevistados, 16,7% não souberam opinar a respeito da necessidade da busca de formação continuada e 8,3% consideram que a escola deveria oferecer momentos de formação continuada para os/as docentes e funcionários/as.

Infere-se que os/as professores/as reconhecem que não estão preparados/as para discutir a pluralidade, com os/as alunos/as. Por outro lado, demonstram não se sentirem estimulados/as para abordar o tema. Como afirma Pereira (2000), o processo de desvalorização e descaracterização da docência, evidenciado pela progressiva perda salarial, pela precária condição de trabalho e um sistema que pressiona a todo momento o/a docente são as principais causadores dessa situação.

Sobre as dificuldades apontadas para a ausência de discussões e debates em sala de aula, os/as professores/as consideraram o pequeno conhecimento dos/as estudantes sobre o assunto como um empecilho para que a discussão seja abordada na prática pedagógica pois 91,7% dos/as participantes apontaram que seus/suas alunos/as não têm formação a respeito do tema que os/as possibilitassem trabalhar a pluralidade em sala de aula. Para 8,3% dos/as pesquisados/as, a escola deveria estar melhor despreparada para lidar com o tema

Outra contradição apresentada diz respeito à necessidade de um currículo que possibilite a abordagem da temática em discussão neste texto, uma vez que 66,3% dos/as entrevistados/as concordaram com sua importância e contribuição para a formação integral do/a aluno/a e do/a cidadão. O que se percebe, a partir das

respostas coletadas, é que a gestão escolar pressiona os professores/as a executarem o programa de ensino (e não o currículo proposto oficialmente) para cumprir a exigência dos conteúdos. Ao adotar essa postura, a gestão da escola não possibilita aos professores/as aplicarem novas estratégias para discutir a diversidade.

Dentre os/as participantes, 33,7% consideraram que o/a professor/a está despreparado/a para lidar com a pluralidade cultural em sala de aula. De acordo com os dados da pesquisa, constata-se que os/as professores/as observam lacunas ~~que~~ existentes na proposta pedagógica da instituição que dificultam a concretização da discussão da pluralidade cultural no ambiente escolar. Observou-se que esses/as professores/as pouco fazem para preencher essas lacunas que eles próprios notaram. Para os/docentes, de uma maneira geral, manterem-se em suas “zonas de conforto” é uma estratégia mais fácil para evitarem conflitos.

Responsabilizar apenas os currículos, a escola, os alunos e o sistema de ensino pode ser mais “confortável” do que refletir sobre a própria prática pedagógica e analisar até que ponto se empenham para exercitar o que está definido e consagrado na legislação e nos documentos oficiais, tanto nacionais quanto ~~e~~ estaduais.

Considerações finais

O estudo evidenciou que a pluralidade é discutida superficialmente, sem aprofundamento sobre as origens que geram tantas desigualdades no que diz respeito às oportunidades, às minorias, intolerância e violência nas questões relativas às assimetrias relacionadas às diferenças de religião, gênero e orientação sexual. A pesquisa permitiu identificar deficiências relacionadas à temática discutida no processo de formação do/a professor/a. Uma delas está associada à diluição da profissão docente e sua proletarização.

O contexto educacional deveria ser espaço de valorização e disseminação do respeito às diferenças, pois a escola é um ambiente ocupado por grupos sociais multiculturais. A pesquisa demonstrou que a escola investigada apresenta dificuldade em trabalhar, pedagogicamente, a diversidade. Observou-se a necessidade de formação dos professores para discutir o assunto, pequeno

incentivo da equipe gestora da instituição escolar na viabilização de momentos para discussão e reflexão da equipe docente da diversidade.

Depreende-se, a partir da análise dos questionários, que o professor não se posiciona como um dos protagonistas para promover a mudança, pois, na maioria das vezes, o/a professor/a responsabiliza a escola por não promover essa discussão no espaço escolar, seja pela preponderância dos aspectos quantitativos dos conteúdos programáticos sobre os aspectos curriculares, ou sob a alegação de que determinada disciplina curricular não contempla a temática da pluralidade. Torna-se necessário analisar os argumentos utilizado pelos/as professores/as para justificar sua abstenção na discussão do tema.

Ao longo do tempo e, enquanto ranço de práticas educativas passadas, lamentavelmente ainda predomina na escola um currículo com abordagem marcada pela concepção eurocêntrica de mundo e de realidade, na qual o branco, masculino e heterossexual tem sido a tônica que marca as relações na escola.

Ainda que de forma discreta, as escolas procuram avançar em relação ao acolhimento, respeito e valorização de todos os/as estudantes, independentemente de sua origem social, cultural, religiosa ou étnica, garantindo a todos/as o acesso e a permanência no espaço educativo, por meio do enaltecimento das diferenças.

Enfim, a verdadeira inclusão dos/as diferentes no ambiente escolar permanece como um entrave complexo para acolhida de todos/as, pois as instituições de ensino ainda são regidas, parcialmente, sob a batuta do currículo oculto, velada pela ênfase na valorização da cultura dominante

Referências

ARAÚJO, Jurandir de Almeida. MOREIRA, Josinéia dos Santos. MORAIS, Rossival Sampaio. As culturas silenciadas marginalizadas na escola. *In*: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 3., 2012, Cachoeira (BA). **Anais** [...]. Cachoeira: UFRB, 2012. n. p. Disponível em : Acesso em: 02 out. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão Diferença culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p.240-255, Jul./Dez.

2011. Disponível em:
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CANEAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para prática pedagógica. *In*: MOREIRA, Antonio Flavio; CANEAU Vera Maria (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 245 p.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. **Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores**: o caso das Diretrizes Curriculares para a Formação Docente. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 333-344, jul./set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27553>. Acesso em: 02 abr. 2017.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 168p.

NETO, Yolito Gonçalves. A prática pedagógica frente ao desafio de trabalhar com um currículo multicultural na formação de professores. **Trilhas Pedagógicas**, Pirassununga (SP) v. 3, n. 3, Ago. 2013, p. 19-28. Disponível em: <http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume3/2.pdf> Acesso em: 15 ago. 2017.